

CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO: TRAÇANDO LINHAS

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto (UFNT e UEMASUL)

danielatorres@mail.uft.edu.br

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFNT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Este estudo, busca traçar discussões acerca da Cartografia como método de pesquisa com base nos pressupostos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Será explanado do que trata a abordagem Cartográfica, e conceitos como o de Rizoma, Linhas (duras, flexíveis e de fuga) serão também primordiais para este estudo. Dessa maneira, a metodologia tradicional é composta por regras definidas previamente, um método a ser aplicado, já a Cartografia como metodologia segue um caminho oposto, o cartógrafo precisa vivenciar, experimentar o processo do pesquisar. Assim, o método cartográfico leva em conta todo o processo pelo qual a pesquisa passa até chegar ao final; segue por caminhos cheios de curvas, de agenciamentos, de encontros, de experimentações, de devires, de linhas de fuga, não cabendo interpretações e representações. Para tanto conta-se com autores como Deleuze e Guattari (1995), Oliveira, Costa e Silva (2020^a; 2020b), Passos, Kastrup e Escóssia (2015), Kastrup (2015), Lemos e Oliveira (2017), Costa e Amorim (2019) entre outros que serão apresentados no decorrer desta pesquisa. O método cartografia é relevante para os planos de pesquisas, pois uma de suas principais características é a complexidade, a partir dela surgem novos olhares, perceptos, saberes, uma realidade complexa e não dual.

Palavras-chave:

Cartografia. Rizoma. Metodologia da pesquisa.

ABSTRACT

This study seeks to outline discussions about Cartography as a research method based on the assumptions of Gilles Deleuze and Félix Guattari. What the Cartographic approach is about will be explained, and concepts such as Rhizome, Lines (hard, flexible and fugitive) will also be essential for this study. In this way, the traditional methodology is composed of previously defined rules, a method to be applied, while Cartography as a methodology follows an opposite path, the cartographer needs to experience the research process. Thus, the cartographic method takes into account the entire process that the research goes through until reaching the end; it follows paths full of curves, agencies, encounters, experiments, becoming, lines of flight, not allowing for interpretations and representations. For this, authors such as Deleuze and Guattari (1995), Oliveira, Costa e Silva (2020a, 2020b), Passos, Kastrup and Escóssia (2015), Kastrup (2015), Lemos and Oliveira (2017), Costa and Amorim (2019) among others that will be presented during this research. The cartography method is relevant to the research plans, because one of its main characteristics is complexity, from it arises new looks, perceptions, knowledge, a complex and non-dual reality.

Keywords:

Cartography. Rhizome. Research methodology.

1. Introdução

A escolha metodológica, a preocupação com o método a ser seguido, qual método mais adequado para a pesquisa são questionamentos feitos por todo pesquisador, pois são aspectos primordiais para a construção e andamento da pesquisa. Desse modo, Gilles Deleuze e Félix Guattari nos apresentam um modelo de pensamento rizomático que nos remete ao princípio da Cartografia como uma outra possibilidade metodológica de investigação.

Acerca da Cartografia como método de pesquisa explanaremos do que trata a abordagem Cartográfica, para isso abordaremos conceitos como o de Rizoma e de Linhas (duras, flexíveis e de fuga), que serão imprescindíveis para a compreensão deste território que está sendo construído, e de territórios que serão encontrados em pesquisas, desterritorializados e reterritorializados. Esse método suscita o novo, o movimento, o criar linhas de fuga, é um método da metamorfose e não do estagnar, do pronto e acabado, da rigidez, sempre há possibilidades de retorno, de retornar o novo e nunca o mesmo.

A Cartografia como metodologia segue um caminho oposto à metodologia tradicional, formada por regras previamente estabelecidas, o cartografar leva em conta todo o processo pelo qual a pesquisa passa até chegar ao final. É uma metodologia que gera possibilidades de agenciamento, de experimentações, de devires na pesquisa, na investigação.

Para isso, adotamos estudos como Deleuze e Guattari (1995), Oliveira; Costa e Silva (2020a e 2020b), Passos, Kastrup e Escóssia (2015), Kastrup (2015), entre outros, que contribuirão no decorrer desta pesquisa. Dando continuidade, apresentaremos a Cartografia: outros caminhos para a pesquisa.

2. Cartografia: outros caminhos para a pesquisa

A Cartografia como proposta metodológica, o termo cartografia será embasado nos caminhos de Deleuze e Guattari, é um método do acompanhar processos e não do representar.

Em uma pesquisa/ investigação que segue “(...) numa perspectiva

construtivista, não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa” (KASTRUP, 2015, p. 33). A primeira etapa da pesquisa já começa com a produção de dados, fugindo, assim, de uma simples coleta de dados. Como ainda ressalta Kastrup (2015), esse processo de produção continua nas etapas seguintes da pesquisa (análise dos dados, produção textual, publicação dos dados), ou seja, a construção da pesquisa ocorre desde o primeiro momento em que o pesquisador-cartógrafo chega ao campo ou se depara com o objeto de estudo.

Desse modo, a Cartografia vem sendo pensada como divergência e “(...) contestação ao pensamento continuísta/causal do campo da história, do sentido oculto/obscuro a ser desvelado no campo da linguística, do inconsciente psicanalítico e da filosofia hermenêutica/interpretativa” (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 14). Indo contra os pensamentos lineares, privilegiando o percurso da pesquisa e não apenas seu fim, não a convém traços rígidos que precisam ser seguidos, sem desvios, ou novos tracejados.

Kirst, Giacomel, Ribeiro *et al.* (2003, p. 92) mencionam que “o termo ‘cartografia’ utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre ‘territórios’ e dar conta de um ‘espaço’. (...) faz referência à ideia de ‘mapa’”. Com isso, pensando a cartografia como o terreno/ mapa que é dinâmico e busca intensidades, e não como a topologia quantitativa em que o terreno é visto de forma estática, sendo o mapa “(...) disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado” (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO *et al.*, 2003, p. 92). Além disso,

[...] a cartografia está associada ao pensamento pós-estruturalista e é uma perspectiva metodológica recente que pode ser compreendida como metodologia, método ou procedimento metodológico, dependendo do uso, da intenção de quem pesquisa e da dimensão que ela ocupa no processo. (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 35)

Nesse sentido, a cartografia é relevante para os campos de pesquisas, pois uma de suas principais características é a complexidade⁶¹, a partir dela surgem novos olhares, perceptos, saberes, uma realidade comple-

⁶¹ “[...] o entendimento da palavra **complexidade** aqui não se dá como sinônimo de algo difícil, incompreensível ou inacessível, mas de algo que requer reflexões múltiplas e alagáticas para poder ser experienciado, algo que não se reduz a unidades simplistas de explicação, reflexão ou vivência” (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 16) (grifo nosso).

xa e não dual (Cf. OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a). Dessa forma, Deleuze e Guattari (1995) nos mostram um novo pensar, um novo caminho metodológico a ser trilhado, que foge do dual e se aproxima do complexo, do criativo.

Em uma pesquisa deve haver “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10). As linhas e as velocidades formam um *agenciamento*, a pesquisa é devir agenciamento, devir multiplicidade, é um *corpo sem órgãos*⁶². Para Oliveira e Paraíso (2012, p. 161) o “pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder”.

O pesquisador-cartógrafo “(...) precisa garantir a possibilidade de existência de experimentações, de inquietações e de reconstruções de pontos de vista proprietários e dos territórios existenciais solidificados a eles relacionados” (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 16). Assim, a cartografia é vivenciada, passa pelas experimentações, pelo caos e se reconstrói, não com o mesmo, mas com o novo, novas percepções, novos olhares, novas perspectivas. Além disso,

Experimentar a cartografia é vivenciar as potências do pensamento diante do fazer, do enfrentar; é criar inflexões de acordo com os terrenos múltiplos que o indivíduo encontra, desdobrando-se por esferas que oferecem material para a produção de sentidos, relações, construções e composições diversas. (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 17)

O cartografar leva em conta o processo pelo qual a investigação passa, e esse percurso é sempre em movimento (não é uma linha reta, são curvas), também esse percurso é transitório, sujeito a mutações, a múltiplas entradas. Nesse sentido, Oliveira, Costa e Silva (2020a) ressaltam que “a cartografia é, então, uma possibilidade de errância em relação a qualquer outro tipo de investigação que implique a dissolução do ponto de vista do observador”. Esse método segue por caminhos cheios de curvas, de agenciamentos, de encontros, de experimentações, de devires, de linhas de fuga, não cabendo interpretações e representações. Ressaltam Oliveira e Paraíso (2012) que

O objeto cartográfico é a dissolução da forma e a instauração da velocidade. Primeiro, porque um objeto a ser cartografado não é, assim, algo fixo (um objeto de dado empírico, organizado e fechado segundo as exigências da representação): ele é como alguma coisa que se estende sobre uma su-

⁶² Termo muito utilizado por Deleuze e Guattari em suas obras, mas primeiramente nos deparamos com esse termo no livro *Mil platôs 1* (1995).

perfície, geográfico, geológico e que pode tomar emprestado um grande número de modos de existir. (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 165)

O cartografar nos leva a gerar problemas, ao ato de criar; nessa perspectiva, “o sentido da cartografia é, então, a conexão de redes, o acompanhamento de percursos e a implicação em processos de produção” (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 18). Logo, a cartografia é rizomática, seu processo é cheio de metamorfoses, um caminhar por entre as sensações, pois, “quando cartografamos, erramos ou flanamos por signos e por ideias, por sentidos e por significações, por acontecimentos e por atributos” (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020a, p. 20). Cartografando, buscamos multiplicidade, experimentações, devires.

Todas as experimentações, todos os agenciamentos e todos os devires decorridos do flunar, da errância cartográfica (Cf. OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020b) é um cartografar, um traçar novos caminhos de multiplicidades:

A cartografia é um caminho para a educação e para a pesquisa que implica a dissolução do ponto de vista do observador, postura indiscutivelmente válida e relevante em praticamente todos os territórios de pesquisa, campos de estudos, reflexão, análise, produção artística, filosófica ou mesmo científica que buscam novos olhares e novas formas de relação entre pesquisador/pesquisa/objeto. (OLIVEIRA; COSTA; SILVA, 2020b, p. 7-8)

Como mencionado, a cartografia é o múltiplo, traça linhas que se entrecruzam, redes, possibilitando as experimentações e agenciamentos transdisciplinares. Também “uma cartografia faz advir o desassossego, agitadora de interações violentas com o pensamento e formadora de novos mundos” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 166) e propõe a

[...] criação de conexões e significação ao longo do desenvolvimento, mapeando pensamentos, técnicas, situações, pessoas, lugares, enfim, fazendo acoplamentos que constroem um panorama no campo do pensamento e no campo visual, produzindo práticas, técnicas e teorias. (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 42)

É vivenciada em um processo, sem conclusões definitivas, mas que possibilita novos questionamentos, novas investigações, gerando novas conexões. Ao mesmo tempo que é construção também suscita desconstrução, o riscar e apagar, refazer, desfazer, é sair da estagnação, da estabilidade contínua e quebrar, movimentar, buscar a metaestabilidade, o espaço do pensar, criativo:

[...] a cartografia também pode ser entendida como método de pesquisa, auxiliando o pesquisador a traçar seu caminho enquanto apreende e é a-

preendido pelas circunstâncias. Como em um mapa a ser desenhado, o pesquisador pode seguir um percurso sem um final claramente definido, e as ações e reações dessa paisagem se conectam e criam novos significados para a investigação. (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 45)

Uma pesquisa cartográfica está voltada a processos e não necessariamente aos resultados. É uma construção de conexões, o meio pelo qual interliga os aspectos da pesquisa, traçando mapas. Nesse tipo de pesquisa “não há uma hierarquia, mas sim subdivisões que podem ser tão importantes quanto qualquer outra” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 46); ainda “a cartografia torna-se a própria expressão do percurso: *mapas, danças, desenhos*. Percurso que nunca é dado, seja por sucessões estáticas, por fases pré-fixadas ou por palavras de ordem” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 166, grifo dos autores). É rizomática, sem centro, sem início nem fim, por isso foge das metodologias tradicionais, buscando acompanhar os percursos, o pesquisador-cartógrafo participa efetivamente mapeando os fluxos, traçando as conexões em sua pesquisa.

Seguindo pela cartografia, ela nos “(...) convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (*ethos* da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por ‘subtração do único’, como na fórmula do n-1. Menos o Uno” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10). É um plano de composição, gerando processos de produção, rizomas. Ela sendo mapa não é um decalque, não apresenta apenas um sentido, também não é composto de uma única entrada “são múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10). Lemos e Oliveira (2017, p. 47) ainda acrescentam que “o mapa é a materialização, a representação de imagens, e a cartografia é responsável pela criação dessas imagens, ou seja, o processo”. A cartografia por se apresentar como mapa, mapa móvel, que não é estático, mas antes metaestável, com suas potências, fluxos, sem centro. Com isso, entendemos que

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10)

Essa reversão metodológica (*hódos-metá*) propõe uma experimentação no pesquisar, um cartografar, traçar linhas, construir, sem o aprisionamento de direção predeterminada, engessada, sem linhas de fuga. E

[...] para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metáda* pesquisa. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 13)

A pesquisa cartográfica como o rizoma não deve seguir ordens de hierarquia, deve antes traçar linhas que se encontram, se cruzam, se entrelaçam, formadas por conexões que são estabelecidas no decorrer da pesquisa. Logo, “uma cartografia em educação segue e traça linhas que compõem seus mais diversos espaços, objetos, corpos; anima-se e constitui-se no traçado de linhas” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 167).

Seguindo por esse caminho, “a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17). Esse método deixa de lado o caminhar para chegar a metas predeterminadas para um que, experimentando o percurso, traça suas metas.

Passos e Barros (2015) afirmam que toda pesquisa é intervenção, sendo assim, a intervenção “(...) sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17-18). Esse plano da experiência é o delinear da cartografia como método de investigação, que acompanha o sujeito, objeto e conhecimento como efeitos do percurso da pesquisa. Nesse sentido, o processo do pesquisar deve ser um mergulho no modo de fazer, na própria experiência do pesquisar, pois

[...] a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o ‘caminho’ metodológico (PASSOS; BARROS, 2015, p. 18)

A pesquisa nesse viés, não está ancorada no que supõe saber antes em relação à realidade a pesquisar, mas se volta a experienciar a pesquisa, sem se prender a pressupostos anteriores, é o conhecer com. O pesquisador “cartógrafo e objeto nascem juntos e percorrem a vida de modo inseparável na criação de problemas” (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; *et al.*, 2003, p. 96). Durante a investigação/a pesquisa o cartógrafo não se distancia do objeto, mas antes afirma-se a partir do encontro com o objeto, eles compõem juntos, aumentando a sua potência devido ao encontro.

Ao utilizar o método cartográfico na investigação, o pesquisador-cartógrafo segue por um caminho reflexivo, tanto no sentido de reflexo, quanto no sentido de refletir. Dessa forma,

A distinção de um pesquisador cartógrafo é que este é entrevistado, vendo-se refletido no objeto. Tratar-se-ia de um jogo de espelhos de inúmeras imagens onde desejo/formação/memória do pesquisador criam reflexos do objeto. (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO *et al.*, 2003, p. 97)

Os autores acrescentam que “a produção do objeto de pesquisa poderia ser vista como expressão possível das sensações, percepções e *afectos* do cartógrafo” (KIRST *et al.*, 2003, p. 97). É importante evidenciarmos que a cartografia não é produzida com percepções e sensações, devaneios, mas antes, “(...) certos cuidados devem ser observados - como a coerência conceitual, a força argumentativa, o sentido de utilidade dentro da comunidade científica e a produção de diferença; enfim, o rigor científico” (*idem*). O pesquisador-cartógrafo não busca o estático, nem avança em busca de verdades absolutas, mas se nutre do pensar desejante, é experimentador de erros e acertos que o conhecimento impõe, acertos inclusive vindos dos erros, errar também é experimentar caminhos.

Além disso, a cartografia “não está ligada, portanto, à vontade racional fixa, unívoca e representacional, mas ao inconsciente, que se estende por sobre tudo, para além da história que conhecemos em direção às origens do humano” (KIRST *et al.*, 2003, p. 99).

[A cartografia] se configura, como uma máquina de tipo exopoiético, pois produz mundos, redes de significações. Também pode ser considerada como máquina autopoiética, pois se produz através de uma dobra, ou seja, como efeito da subjetividade que registra o mundo. Desdobramentos e redobramentos, gerados pela pesquisa, podem aproximá-la de seu papel no engendramento das subjetividades (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO *et al.*, 2003, p. 99)

Desse modo, o método cartográfico é traçar linhas, percursos, caminhar experimentando, composto por fluxos, redes, rizomas, para continuarmos percorrendo por esse método alguns conceitos são primordiais, como o de rizoma que veremos a seguir.

3. Rizoma: fluxos de intensidades

O termo rizoma nos é apresentado por Deleuze e Guattari (1995). Os autores não nos lançam apenas um conceito de um termo, mas nos apresentam um modelo de como pensar, um modo como cognitivamente

caminhamos. Um rizoma é diferente de uma raiz ou radícula, ele tem raízes emaranhadas, interligadas em várias direções, de forma horizontal, e não vertical como, por exemplo, a raiz, “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14), podendo criar ramificações em pontos diversos e se transformar em bulbos e tubérculos, e criar mais ramificações, não implicando ser necessariamente um sistema instável, mas que pode ser modificado.

A cartografia é “(...) um dos princípios do rizoma, que apresenta as seguintes características (que são nomeadas ‘princípios’): conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante e cartografia” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 36). Entender o rizoma é também entender os aspectos cartográficos, a pesquisa seguindo esses princípios é traçada por linhas rizomáticas, que se alastram por toda direção criando conexões (diferentes possibilidades de conexão), sem ter pontos fixos de início e fim, mas se concentra no centro. Seguindo por esses caminhos “os resultados se configuram nesse ‘caos’ de linhas que vão se compondo na trajetória investigativa e que oferecem, assim, um mapa para a leitura dos vieses encontrados para a problemática” (*Idibidem*).

O rizoma é constituído por linhas, duras, flexíveis e de fuga, por territórios, ainda, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14). Fugindo, assim, de uma lógica dual, binária, de uma ciência arbórea ou ciência-raiz, é a multiplicidade suscitada pelo rizoma que quebra com esse pensamento, nos levando ao devir, as relações. Sendo por meio das linhas, dos agenciamentos, das rupturas que o rizoma percorrer, e essas “rupturas que atravessam também as pesquisas, às vezes são esperadas, outras imprevisíveis, chamadas de linhas de fuga, podem operar na condução de novas criações” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 36).

O rizoma nos remete a cartografia, ao traçar caminhos por terrenos em movimento, observando, registrando e como um trem em movimento o que era antes, já não é mais o mesmo. Sendo então, o meio o que mais interessa por que é onde passa a velocidade, as potências, os fluxos.

A língua faz bulbo, é rizomórfica, evolutiva, se transforma, escorre e percorre por fluxos, linhas. “Um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimen-

sões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). Ela é vista em sua multiplicidade se desvinculando do uno, o rizoma não tem pontos ou posições, mas é constituído por linhas. Além disso,

[...] um rizoma, ou multiplicidade, não se deixa sobrecodificar, nem jamais dispõe de dimensão suplementar ao número de suas linhas, quer dizer, à multiplicidade de números ligados a estas linhas. Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16)

Deleuze e Guattari (1995, p. 17) mencionam que todo e qualquer rizoma “(...) compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”. O rizoma com suas linhas segmentares pode ser quebrado, rompido pelas linhas de fuga desterritorializantes, faz parte do rizoma, e também pode retomar conforme outras linhas.

Dessa maneira, Deleuze e Guattari (1995, p. 20) acrescentam que “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo”. Pois seguiria um modelo arbóreo, de raiz, teria princípios de *decalque*, de reprodução, por isso, não caberia esse tipo de modelo ao rizoma, porque ele não é decalque, e, sim mapa. O rizoma faz mapa, e “se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). O mapa cria conexões, traz aberturas, proporciona experimentações, compõe junto. E, “quando falamos em ‘mapa movente’, significa que o planejamento da pesquisa está sujeito a permanente alteração, tendo em conta que não se trata de um planejamento de modo cartesiano” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 38).

O mapa é aberto, maleável, em todas as suas dimensões tem pontos conectáveis, podendo ser montado, desmontado, modificado, por esse motivo

[...] ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21)

O rizoma/mapa tem múltiplas entradas, rejeitando o decalque que

sempre volta ao mesmo sem abertura para a diferença, para o criar, o decalque pode até ser projetado sobre o mapa, mas não necessariamente conseguirá reproduzir o mapa, mas, às vezes um sistema arbóreo pode começar a brotar, produzir traços, linhas, hastes de rizoma. O decalque castra, engessa, lhe coloca em moldes, não há desejo e produtividade, só no rizoma que temos impulsos produtivos e o desejo movente. O “ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 24).

O cartografar feito pelo pesquisador-cartógrafo passa pela observação minuciosa do território que será investigado, explorando os caminhos que se multiplicam em busca de especificidades, de diferenças, explora as formas que re incidem e as que não re incidem, e assim fazem a descrição cuidadosa do território/ambiente que vive em transformação, preservando o rigor científico (Cf. ROSÁRIO; COCA, 2018). O pesquisador-cartógrafo está entrelaçado na pesquisa.

Ele “(...) é um pesquisador com o corpo vibrátil, ou seja, que pode ser afetado pelas sensibilidades coletivas e pelos movimentos sociais” (ROLNIK, 1989; 2006, *apud* ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 38). O pesquisador-cartógrafo afeta e é afetado por seu objeto de estudo, “o *eu*-pesquisador também é inseparável do que pesquisa, portanto, é uma realidade tão efêmera quanto sempre em devir” (OLIVEIRA; MOSSI, 2014, p. 190, grifo dos autores). O pesquisador também compõe com sua pesquisa, se entrelaçam, devém pesquisa, formam juntos rizoma, mapa.

Dessa maneira, “o que se busca na cartografia é construir um conhecimento *com* os participantes e não o conhecimento a partir deles” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 39). Construir junto, pois assim criando conexões as potências se intensificam, criam, se ramificam por todos os lados proporcionando mais encontros, agenciamentos, trocas, devires. Dessa forma, “seguindo os princípios do rizoma, a cartografia tem muitas entradas, pode ser realizada considerando diversos percursos e direções que vão se organizando à medida que a pesquisa avança” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p. 42).

Desse modo, a cartografia sendo um dos princípios do rizoma, este por sua vez formador de mapas, mapas esses constituídos por fluxos, intensidades, por linhas, a seguir veremos, brevemente, quais são essas linhas.

4. Linhas: composições múltiplas

O trabalho com a cartografia é um trabalho sobre linhas, rizomas, mapas, sendo as linhas múltiplas na cartografia, suscitando novos pensamentos e fugindo de amarras.

Somos cortados por linhas, em todas as direções e em todos os lados. As linhas estão presentes em todos os estratos de vida, em tudo o que habitamos, por onde circulamos, onde trabalhamos, brincamos, amamos e experimentamos afetos. Nossa casa é dividida por linhas conforme a apresentação dos cômodos; as ruas, conforme a disposição da cidade; as empresas, de acordo com a natureza dos trabalhos e assim por diante. (COSTA; AMORIM, 2019, p. 914-15)

Os elementos, as coisas, as pessoas, os sentimentos, os acontecimentos são compostos por linhas, que cada uma comporta uma cartografia, assim, no cartografar interessa, em cada item mencionado anteriormente, as linhas que compõem eles, que compõem com eles, que criam, que se entrelaçam, que fogem.

Nesse sentido, “a linha torna-se, pois, a possibilidade nascedoura de uma confluência, de uma dobra. Como atravessadora do fora–dentro, a linha risca o vir a ser da dobra, arriscando-se uma mudança de qualidade ou mesmo de direção” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 915). Temos linhas que se entrelaçam, engendrando, formando tramas, redes, gerando conexões. Deleuze e Guattari falam de três tipos de linhas,

[...] as *linhas de segmentaridade dura* ou de corte molar; as *linhas de segmentação maleável* ou de fissura molecular; e as *linhas de fuga*. As duas primeiras são as linhas de territorialização, estratificação, significação, as que tentam definir, dar uma rota segura, uma essência estática a um território. Já as últimas, as linhas de fuga ou de ruptura são linhas de desterritorialização pelas quais um pensamento foge sem parar, uma linha pela qual se foge (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 167) (grifo dos autores)

As linhas mencionadas pelos autores são: as linhas duras, molares, as linhas flexíveis, moleculares, e as linhas de fuga, então, o “cartografar é também uma operação de traçar linhas de fuga nos territórios, às vezes tão cinzentos, da educação; bailar por entre territórios; abrir-se; engajar-se; indicar vazamentos” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 167). É desenhar, traçar, romper, criar novos caminhos para a educação.

O pesquisador-cartógrafo no seu caminhar pela cartografia entende que “a escrita cartográfica é situada no eixo de uma economia de afetos e perceptos que embaralham os códigos das palavras e fazem dos seus sentidos ações e paixões, afecções de um corpo” (OLIVEIRA; PA-

RAÍSO, 2012, p. 175). Ela desdobra-se “(...) e tece afectos e perceptos, entrelaça temas e relações em fragmentos esparsos, em blocos dispersos, em desassociações de ideias” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 175). A escrita vai ganhando espaço a partir do surgir pelo desvio, do aflorar do caos.

Desse modo, vamos fazer um breve percurso por entre as três linhas mencionadas por Deleuze e Guattari, a primeira delas será as linhas duras.

4.1. As linhas duras

Costa e Amorim (2019) mencionam que no meio em que vivemos somos em primeiro plano, segmentados de forma binária, dual, então os

[...] homens ou somos mulheres; ou somos adultos ou somos crianças; ou somos funcionários ou somos gestores; ou somos pacientes ou somos médicos; ou somos estudantes ou somos professores; ou somos artistas ou somos amadores; ou somos vítimas ou somos agressores. (COSTA; AMORIM, 2019, p. 916)

Essa classificação em que somos enquadrados acaba nos segmentando, anulando todas as outras possibilidades, como se o ser não fosse ou não pudesse ser ao mesmo tempo, por exemplo, professora, aluna, filha, esposa, mulher, dentre outras.

Essa segmentação dual, como se fossemos colocados em potes ou caixinhas onde cada um fica em seu compartimento, acaba por ocultar, mascarar, aprisionar a multiplicidade inerente a nós, seres. Também ocorre na pesquisa essa mesma segmentação binária, que são as linhas duras, fragmentadas, sem pensar nas outras linhas que estão ali compondo, nas conexões, nas possibilidades criativas. Essa visão binária castra nossos pensamentos, nossos seres, nossa aprendizagem, nossa criatividade, nossas pesquisas.

As linhas binárias, denominadas por Deleuze de linhas duras “(...) demarcam identidades, deveres, hábitos, convenções, opiniões cristalizadas, enfim, representam os modos mais seguros e violentos de existência” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 918). São linhas que trazem essa visão dual, bom ou mal, desenvolvido ou sem ser desenvolvido, burro ou inteligente, e assim sucessivamente, essas linhas “impedem a irrupção do novo porque o que está em jogo é a reprodução de territórios e a manu-

tenção deles” (*Idibidem*). São linhas de reprodução e não de produção, “as linhas duras (ou molares) são composições (e componentes) de segmentaridades rígidas” (*idem*), seguem uma tendência arborescente, não produzem encontros e interações.

Portanto, após esse breve percurso por linhas duras, rígidas, passaremos a discorrer um pouco sobre as linhas flexíveis.

4.2. As linhas flexíveis

As linhas duras que compõem territórios enrijecidos precisam ser desterritorializados, com isso, nós temos apresentadas por Deleuze dois outros tipos de linhas, que são as linhas flexíveis e as linhas de fuga, também entendidas, respectivamente, como linhas moleculares e de voo.

Dessa maneira, “as linhas flexíveis produzem pequenas rachaduras nos territórios mais endurecidos, causando pequenas mutações no já estabelecido, no que está marcado ou prometido às repetições sintomáticas” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 921). Essas linhas causam desvios, mudanças e movimento nos territórios, e “nessa molecularidade flexível, os vetores do movimento mudam constantemente à medida que encontra outros movimentos e com eles agência, como um choque de partículas” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 921). Os territórios são relacionados por encontros e não por identidades, compreendendo que pode ser produzido, conectado.

No cartografar por essas linhas temos “um amontoado de conexões múltiplas em uma movimentação infinita, sendo a todo tempo (e em todo espaço) afetantes e afetadas” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 921). Sendo assim, nas linhas flexíveis acontecem rupturas, foge-se de pontos definidos, e de formas rígidas e engessadas, busca-se traçar fluxos.

Dessa forma, após essa sucinta caminhada por entre as linhas flexíveis, passaremos a comentar um pouco sobre as linhas de fuga.

4.3. Linhas de fuga

A linha de fuga, ou de voo, traz o desejo, a criação, a ruptura, a fuga, indo em direção oposta a categorização, a classificação, entre outros, compreendendo como a sua verdade: limites flutuantes, imprevisíveis, encontros, conexões, transformações.

A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16)

As linhas de fuga são linhas de desterritorialização, de ruptura; “os agenciamentos (em uma pesquisa, em uma cartografia, em uma vida) são potências de transformações existenciais, na medida em que conseguem produzir linhas de voo (ou de fuga)” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 923). Essas linhas não são pontos fixos de início e destinos predeterminados, mas antes desenham, traçam, fogem (uma fuga do desejo, da liberdade criativa, do não aprisionamento em termos predefinidos).

Embora constituam movimentos diferentes, as três linhas não podem ser pensadas separadamente – elas hora coexistem, hora se alternam, hora se misturam, hora se excluem. Ninguém ou nenhum território é composto apenas por uma linha – por mais duro que seja, sempre haverá linhas flexíveis rompendo com a dureza e linhas de fuga forçando novas configurações. (COSTA; AMORIM 2019, p. 925-6)

As linhas duras são as linhas da identidade, da identificação, do sistema binário, as linhas flexíveis são as da produção, e as de fuga são o voo que fazemos a partir das rupturas. Desse modo,

[...] a cartografia ativa linhas de fuga do objeto, porque o que está em jogo nos processos do conhecer são os devires oriundos do mundo vistos a partir da singularidade do sujeito e na abertura de lugares que possam romper com os sentidos conhecidos. (KIRST; GIACOMEL; RIBEIRO; et al, 2003, p. 100)

O cartografar é seguir por movimentos, por fluxos, por intensidades, por essências individuadoras que se conectam, produzem rupturas, desvios, voos, surgindo a partir daí novos movimentos, novos encontros, novos agenciamentos.

Portanto, após essa sucinta caminhada por entre as linhas territorializantes e desterritorializantes, passaremos as reflexões.

5. Reflexões

As reflexões aqui tratadas não são prontas, acabadas, mas antes são reflexões em movimento, possibilitando retornos, diferenciações, novas construções.

Dessa maneira, “não há cartografia – existencial, estética, educacional, desejanste, política, afetiva (...) – que não trabalhe com linhas, com os três tipos de linhas. As linhas constituem e desmancham territórios o tempo todo” (COSTA; AMORIM, 2019, p. 928). A cartografia é rizomática, constituída por linhas, linhas que constroem territórios e desconstróem territórios, e esses territórios não são estáveis, são metaestáveis, com fluxos, fissuras e fugas.

Até aqui fomos pintando quadros, desenhando, colorindo, refletindo, criando, construindo, mas quadros, pinturas, desenhos, não são rígidos, arbóreos, enraizados; são antes uma criação por afetos, agenciamentos, por fluxos, por linhas que se cruzam, entrelaçam, são antes pinturas fluidas que correm, escorrem e percorrem, podem ser refeitas, transformadas, quebradas. Assim como nossas linhas aqui traçadas, como novelas de linhas que podem construir um lindo casaco, mas também posso desmanchar e fazer uma camisa, um sobretudo, um vestido, é um tecer criativo, livre.

É a escrita que movimenta a pesquisa, o traçar, rasgar, não a pesquisa que move a escrita, pois se assim fosse, seria uma escrita morta, fria, sem vida, mas ao contrário, sendo a escrita fluxo, vida, intensidade, a pesquisa vai se desenhando, sendo formada pelo processo do bordar linhas, podendo a qualquer instante fugir e retornar de um modo diferente, sendo como ela é um fluxo de sangue, de vida, um fluxo de água, viva, maleável.

Nessa perspectiva, “(...) a cartografia constitui um método que assume uma perspectiva construtivista do conhecimento, evitando tanto o objetivismo quanto o subjetivismo” (KASTRUP, 2015, p. 49). Na pesquisa cartográfica o conhecimento é produzido, não resultando de representações ou de interpretações subjetivas, o conhecimento não é domínio, mas, “(...) o conhecimento surge como composição” (*idibidem*). Logo, o método cartográfico estabelece o conhecimento como “(...) um trabalho de invenção, tal como indica a etimologia latina do termo *invenire* – compor com restos arqueológicos. A invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção” (*idem*, p. 49-50). A construção do conhecimento é um processo, um processo laborioso e que deve ser vivenciado, e não esquecido focando apenas no resultado obtido.

Portanto, a cartografia é um método em que a pesquisa é pesquisa-intervenção, ontogenética geradora de conhecimento. Ela é o acompanhamento das linhas que a compõem, é uma rede que se trama por linhas

horizontais, verticais e sobretudo transversais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Luciano Bedin da; AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. *Atos de Pesquisa em Educação*. Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912-33, set./dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51

KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José Simões; COSTA, Luís Artur; ANDREOLI, Giovanni Souza. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.M. G.; KIRST, P.G. (Orgs). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 91-101

LEMOS, Cássio Fernandes; OLIVEIRA, Andréia Machado. Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, ed. 8 de jul. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/13299-45975-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/13299-45975-2-PB%20(2).pdf).

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de; COSTA, Priscila Venâncio; SILVA, Rosélia Sousa. *Arte-cartografia*. João Pessoa: Ideia, 2020a.

_____; _____. *Educação-cartografia: possibilidades de agenciamentos, experimentação e devires na educação infantil*. João Pessoa: Ideia, 2020.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; MOSSI, Cristian Poletti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Conjectura: Filos. Educ.*, v. 19, n. 3, p. 185-98, Caxias do Sul, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2156>.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em edu-

cação. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3 (69), p. 159-78, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: ____.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p 17-31

____.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação*, v. 19, n. 41, p. 34-48, PPGCOM/USCS. set-dez, 2018. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5481.